

OS SUCESSORES

Sandra Russo

OS SUCESSORES

VOLUME VI

Edição do autor

São Paulo, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R969s Russo, Sandra

Os Sucessores / Sandra Russo. - São Caetano do Sul, SP : Sandra Regina dos Santos Russo, 2020.

375 p. ; 14cm x 21cm. - (v.6)

Inclui índice.

ISBN: 978-65-00-14801-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Aventura. 4. Romance. I. Título.

2020-3268

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).

*Agradeço à Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito,
comentários e valiosas sugestões.*

Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.

Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.

*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas,
fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*

NO CAPÍTULO ANTERIOR

Jardel e seus homens são levados para uma ilha deserta para serem executados.

Magda, Ivone, Zulma e Beto chegam a Angra dos Reis a tempo de testemunhar o incêndio destruir a casa de veraneio do diretor de patrimônio da Petra.

Gumercindo, Leticia e Lutero são resgatados pelo Salvamar Sueste e hospedam-se no Hotel do Frade.

Enzo descobre que Tomiko tem um amante e invade o Spirit Ferrati.

Jardel escapa e vinga-se de Fauzer e Olson.

SUMÁRIO

MAREZIA	11
POENTE	57
RETORNO	101
ZÊNITE	134
RUBI	169
RESORT	201
ANEL	241
KARAOKÊ	274
ILHA	303
MABU	335

MAREZIA

Uma combinação perfeita de sol e vento favorece a extração do sal.

O motor dos moinhos nem precisou ser acionado.

Cilene e sua comitiva observam o processo de retirada da água da Lagoa de Araruama para os pontos de decantação.

O grau de salinidade dezenove permite que os empregados amontoem toneladas de sal.

– Essa extração artesanal está ultrapassada – observa Macedo.

– É uma paisagem única! – exclama Cilene vendo as nuvens refletidas sobre as salinas.

– Que será preservada – garante Getúlio. Nossos investimentos

serão sustentáveis. O porto, a lagoa limpa, as salinas, o parque eólico e toda uma nova infraestrutura trarão prosperidade à região.

– Não esqueça que temos construções que são tombadas pelo Patrimônio Histórico – lembra Macedo. O Convento do Penhasco, por exemplo.

– Jamais nos esqueceríamos do convento, Macedo – retruca Getúlio com voz emotiva.

•

A freira bate palmas.

– Boa tarde! Estamos recolhendo donativos para o convento – anuncia sorridente.

A irmã Marília percorre metodicamente a rua toda, indo de casa em casa. Encontra-se com irmã Piedade, junto à praça, portando apenas dois pacotes mirrados de arroz e um quilo de açúcar.

Irmã Piedade sente-se desolada.

– Irmã Marília, o que vamos fazer?

– Não podemos desanimar. Vamos tentar aquela padaria ali – sugere notando o movimento do estabelecimento comercial.

Ambas aproximam-se do balcão.

As pessoas demonstram empatia para com as religiosas tratando-as com respeito e reverência.

– Infelizmente não tenho pão sobrando – anuncia o dono com voz pesarosa. Tô usando o estoque de farinha que adquiri antes do aumento.

– E leite, o senhor tem?

A fisionomia da freira evoca determinação.

– Arrumo cinco litros para a senhora – prontifica-se disponibilizando os pacotes de leite tipo C sobre a bancada.

Irmã Marília agradece com um gracioso movimento de cabeça.

Irmã Piedade tapa a boca com uma das mãos e cochicha ao seu ouvido.

– Isso não dá pra nada.

Marília pigarreia repreendendo-a.

– Ela tem toda razão – concorda um homem de físico atlético apesar de beirar os cinquenta anos. Fauzer Weimert!

Irmã Marília se mantém cautelosa.

– O que a senhora precisa é de ajuda municipal ou de uma empresa que regularmente contribua com o convento.

– Agradeço sua sugestão. Estamos com pressa.

Fauzer se coloca na frente dela.

– Estou indo para o Penhasco dos Milagres. Posso dar uma carona.

– Ah! Graças a Deus! Andamos o dia todo. Minhas pernas estão moídas – apressa-se a concordar irmã Piedade.

– Não disse que aceito – contradiz irmã Marília. O que o senhor vai fazer por lá a estas horas?

– Meu barco está atracado perto da Gruta Azul. Eu trabalho para a Granel Flowers. Podemos providenciar alguns mantimentos.

– As crianças estão com tanta fome! – revela Piedade.

•

Celso puxa uma cadeira para Gaby se sentar.

Ambos recebem o cardápio para a escolha da pizza.

Gaby escolhe rápido – Calabresa com quatro queijos.

– Para beber? – pergunta o garçom.

– Uma cerveja para mim – pede Celso.

– Uma coca diet. Está uma noite linda!

– Está mesmo – concorda olhando para a lua crescente.

Um grupo folclórico aproxima-se tocando tamboris com franjas em papel celofane nas cores da bandeira italiana.

No repertório algumas músicas típicas de Nápoles e da Sardenha.

Quando se deslocam para outro canto do restaurante Celso faz sua declaração de amor.

– Gaby, minha vida mudou tanto desde que aqueles caras apareceram e me arrastaram para aquela ilha. Achei que aquela era a grande oportunidade de eu ganhar muita grana, realizar meu sonho de navegar pelo mundo. Agora, eu sei... – aproxima-se mais dela – tudo aquilo aconteceu para eu descobrir você.

– Desistiu de ficar rico? – pergunta Gaby bem humorada.

– Se o Dr. Jardel cumprir a promessa que me fez, quem sabe.

– Ele não dá nada de mão beijada pra ninguém.

Celso fica mais próximo dela.

– Mas têm coisas que ele não pode dar nem comprar, como o coração das pessoas. Estou apaixonado por você! O que eu tenho de fazer para lhe conquistar de vez?

– Dedicar-se aos treinos.

•

A pista de progressão tem trezentos metros.

Foi introduzida no clube da Petra há doze anos, mas até hoje é a líder de reclamações, principalmente entre os que ocupam as posições menos relevantes dentro da chave.

Em sua maioria, jovens aliciados pela organização, cujo caráter precisa ser lapidado.

O treino se concentra na barra vertical, barra inclinada, barra de equilíbrio com banquete e corda, escada e barra vertical, muro de assalto, viga e mesa irlandesa.

Beto, Murilo, Bira, Felipe, Ugo e Anaximandro não veem muito sentido em tanto esforço.

Por mais que Jardel insista, eles não se convencem da necessidade de manterem a forma.

Nunca conseguem completar o circuito num tempo aceitável.

Beto desanima logo no início, numa das tarefas mais simples, em que o atleta tem que subir por um lado e descer pelo lado oposto, uma escada de corda e madeira suspensa entre duas colunas.

O desafio simula a escada de acesso de um navio ou ponte de comando.

Bira e Ugo ultrapassam todos os obstáculos, mas terminam tão exaustos que são descartados.

A outra metade da base da pirâmide é feminina.

Fátima, Adriana, Rosana, Simone e Gaby completam as provas a elas destinadas.

Melissa, a esposa de Dário, e Berenice, a esposa de Dreyfus, por enquanto, são meras expectadoras.

O segundo grupo tem o dever de sair-se bem.

É composto pelos servidores, homens de confiança da elite, responsáveis pela segurança dos dirigentes da chave.

Onofre, Dalcídio Laerte, Xerxes, Cresto, Nereu, Derek, Demétrio, Monteiro, Lamartine, André, Gumercindo e Manfred vão para a pista.

Além da primeira etapa, os doze servidores passam pela barra de equilíbrio simples, escada chinesa, mureta e os três muros de assalto finais.

O desempenho de cada um é avaliado em cada modalidade.

Cresto ascendeu recentemente ocupando o lugar que pertenceu a Evandro, mas por alguma razão, Jardel não confia nele.

Dois novos participantes na base são testados.

Um deles é Celso que ainda está no aquecimento.

– ...45,46,47,48,49...

Celso não aguenta o ritmo e interrompe as flexões de braço.

Uma névoa fria e úmida penetra nos ossos.

Jardel agacha-se para que ele possa visualizá-lo melhor.

– Se você completar o circuito de atletismo todos os dias nas

próximas três semanas poderá singrar no meu iate até Cabo Frio. Celso está ofegante.

– E levar a Gaby – acrescenta Jardel sorrindo.

– Como?! – busca confirmar perplexo.

Jardel coloca-se ereto novamente e passa a caminhar rumo ao complexo administrativo do clube. Celso corre atrás dele.

– O senhor não está me enganando como das outras vezes?

Jardel volta-se com voz austera – O que foi que disse?

Celso passa a mão pela lateral das pernas – Eu me expressei mal.

– Eu prometi um barco para você, só que não estipulei data.

– Sim senhor. Poderia me dar ao menos uma previsão?

– No dia em que esquecer que tentou me extorquir.

Celso observa Jardel se afastar.

Está amanhecendo.

O branco do conjunto esportivo de Jardel reluz em meio à penumbra.

Celso suspira desanimado. Duas mãos tapam os seus olhos.

Ele se volta. Gaby está pronta para beijá-lo.

– Ouvi tudo – festeja Gaby. O Jardel gosta de você.

Celso fita-a, suor escorrendo-lhe pelo pescoço – Tem certeza?

– Se ele não se importasse teria mandado outra pessoa checar suas flexões de braço.

– Vocês são malucos?!

Gaby puxa Celso para a mão e o conduz para as quadras cobertas onde praticam artes marciais.

Dário está na fase final de avaliação.

Manfred o derruba sobre o tatame várias vezes.

Cesário enfrenta Awsféber. Dreyfus treina com Frederico.

Dário e Melissa sentam-se no chão ao lado de Celso e Gaby.

Melissa mostra-se preocupada.

Indaga em libras se o marido está bem.

– Só um pouco moído – responde Dário olhando para a barriga de sete meses dela. Você é que deve se cuidar.

Observam Deigles e Cesário subirem ao tatame.

Finalmente Jardel e Deigles se confrontam por alguns minutos. Empate.

Cresto traz a toalha para Jardel secar o suor.

O guardião fixa o olhar no novo servidor de grau um.

Algo o incomoda. Jardel não sabe precisar o quê.

Celso volta-se para Dário.

– Você vai mesmo voltar para Salvador?

– A Melissa quer ter o bebê lá.

– E quem ficará cuidando do Dr. Olson?

•

Enzo e Kate colocam as xícaras vazias de porcelana e os formosos pires com emblemas chineses sobre o tampo de vidro da mesa de centro.

– Quer dizer que decidiram se casar? – pergunta Olson surpreso. Enzo olha para Kate e sorri.

Ela está agarrada num de seus braços como um bichinho de pelúcia.

– O mais rápido possível.

– Meus parabéns!

– Obrigado – agradece Enzo em nome do casal.

– E você virá morar no Brasil? – pergunta Olson.

Kate hesita.

– Será até bom. Amenizará a perda do Fábio. Eu e o meu irmão participávamos de muitas competições juntos.

– Eu lamento – solidariza-se Olson. Falando em esporte, eu gostaria de voltar a jogar basquete.

Enzo une as duas mãos à frente do rosto. Parece inquieto.

– Não vejo motivos para ficar entrevado aqui nessa cadeira como se o mundo tivesse acabado.

Uma serviçal vem recolher as xícaras.

– Eu soube que você treinou alguns deficientes físicos nas paraolimpíadas. Não gostaria de me ajudar?

– Será um prazer – prontifica-se Kate.

– Sem atrapalhar sua agenda de ciclismo, naturalmente. Quer dar uma olhada na quadra que temos aqui? Lamartine? – chama Olson movendo a cadeira alguns centímetros para a direita. Leve a senhorita Kate para conhecer a quadra.

Lamartine retira-se com Kate e Enzo fita Olson.

– Foi o Jardel que mandou matar o Fábio, não foi?

•

Jardel está nu sobre a maca.

O médico aumenta a pressão sobre os glúteos.

– Está inflamado.

– É de ficar o dia todo com a bunda na cadeira fingindo que trabalha – mete-se Deigles entrando no recinto.

Jardel gira a cabeça – Quem mandou você entrar aqui?

Deigles senta-se na beira da outra maca.

– Pensei que a bunda dele fosse peluda Frederico!

– Você não tem mais o que fazer? – zanga-se Jardel.

– Massagem. O senhor pegou o meu horário.

– Estou com dor no ciático.

– Aquele tombo da cadeira deve ter deixado sequelas funestas.

– Não me lembre desse episódio – avisa Jardel em tom nada amistoso.

– Vire-se de frente – solicita Frederico estendendo-lhe uma toalha.

Jardel vira-se cautelosamente usando a toalha como escudo protetor.

– Não se pode ter um pouco de privacidade – reclama aborrecido. Deigles ignora a queixa.

– O Enzo mal desembarcou correu para a casa do Olson.

Os olhos intensamente azuis de Jardel fitam Deigles como um raio.

– Ele nem é louco de abrir a boca que o abandono cagado até que apodreça.

•

– Que motivos o Jardel teria para cometer essa atrocidade? Deve ter sido um acidente – representa Olson com perfeição.

Enzo sente-se como se um peso de muitas toneladas fosse removido de seu peito. Respira aliviado.

– Eu não suportaria. Agora que a Kate entrou na minha vida...

– Eu a achei formidável.

– Nem sei se mereço tanto.

– Agarre esta chance com unhas e dentes.

Kate retorna animada.

– A quadra que o senhor tem aqui é muito boa Dr. Olson!

– Quando podemos começar então?

– Só depois do casamento – intervém Enzo.

– Que tal irmos embora? Estou um pouco cansada.

Olson e Lamartine despedem-se sorrindo.

Lamartine encosta a porta após o casal acenar do corredor.

A fisionomia de ambos se altera.

– Eu não disse nada. Pode ir correndo contar para o seu chefe. Mas não foi por medo dele. Foi para não estragar a felicidade do casal – complementa Olson antes de dar as costas para Lamartine.

•

Rogatto desce as escadas trajando uma calça jeans e uma jaqueta com o slogan da polícia federal em amarelo. Ângela pausa o DVD.

– Rogatto já se deu conta de quão absurdo é você sair por aí fantasiado desse jeito quando poderia estar simplesmente desfrutando das coisas boas da vida?

– Estou feliz em depender exclusivamente do meu trabalho.

– Então aceite um cargo em uma de minhas empresas? – suplica Ângela.

– Estou falando de trabalho honesto – desvencilha-se Rogatto.

– Minhas empresas geram milhares de empregos honestos por todo o país – declara orgulhosa.

Rogatto volta-se – E centenas de contas fantasmas.

Ângela cruza os braços ainda com o controle remoto nas mãos.

– Isso só existe na sua cabeça.

Rogatto suspira contrariado ajustando a pulseira do relógio de pulso que estava larga.

– Gostaria mesmo que tudo fosse produto da minha imaginação.

•

O artesão talha duas araras na madeira.

Ele tenta ressuscitar o significado de Araruama, a terra onde as araras habitam ou a terra dos papagaios.

Com o despejo sistemático de esgoto o que menos se vê por ali são peixes e pássaros.

Um odor insuportável se espalha por toda parte.

Uma placa que informa as obras de drenagem da lagoa jaz ao lado de uma massa fedorenta de areia.

Trata-se uma laguna de onde já se extraiu muito sal.

Recentemente o projeto de recuperação do meio ambiente avança.

Encontra-se alguma tainha, vez por outra.

Mas é período de defeso e o pescador aproveita para entalhar peças de madeira e vender.

Um carro para na beira da estrada.

Um casal desce para ver os entalhes.

Enquanto Priscila observa algumas peças, Macedo conversa com o homem bem disposto e alegre, que desconfia das boas intenções da prefeitura e ambientalistas.

– Pode ficar absolutamente certo de que a drenagem logo estará concluída e esta cidade será um centro de veraneio.

– Como o senhor sabe?

– Minha empresa está investindo na estrutura do porto. Teremos navios de volta. E se você puder, compre terreno porque vai valorizar muito.

– Com que dinheiro? Tudo que eu consigo é pescar umas carapebas. Com muita sorte, uma piraúna.

– A nossa sorte pode mudar de uma hora para outra.

•

Venâncio ultrapassa a porta de bronze.

Caminha a passos apressados pelo extenso corredor para não se atrasar em sua audiência com o Papa.

O Santo Padre o recebe com toda cortesia e indica-lhe uma cadeira.

Na fala concisa e direta comunica a Venâncio que sentiu a necessidade de efetuar algumas mudanças nos que gozam de título cardinalício e que o substituirá em breve.

Venâncio leva um choque, mas tudo que pode fazer é curvar-se à vontade do sumo pontífice.

Contava que seria indicado para o Ministério das Finanças do Vaticano. Agora é posto de lado como uma roupa usada.

Ao passar em frente do famoso afresco de Rafael, “A expulsão de

Heliodoro do Templo” fixa o olhar na figura do Papa Júlio, que aparece duas vezes no quadro, no centro em azul e dourado e depois num esquiê, usando uma capa vermelha.

Alguém andou tramando em surdina a sua queda.

Disputas nos meios eclesiásticos são uma constante.

Venâncio estava tão próximo do cargo que sempre tanto almejou que não admite ser derrotado.

Se não pode bater de frente com o Pontífice, Venâncio usará sua capa mortífera.

•

Henri arremessa mais um pedaço de madeira dentro da lareira. Muito da decoração está incompleta. Marcas nas paredes sinalizam a falta dos quadros. Imensos vazios; a necessidade de móveis.

Henri aproxima-se de Jacqueline que navega num site católico.

– A condessa está pensando em mudar de religião?

– Acabo de tornar-me admiradora incondicional do Papa.

Henri coloca os óculos e lê o título sobre novas nomeações no Vaticano.

– Uh! Nossa denúncia foi levada em conta pela Cúria.

– Se não totalmente, ao menos, consideraram investigar a vida de Venâncio. O cardeal foi convidado a dedicar-se a uma vida discreta de oração e penitência.

– Nada mais adequado a um santo do que a vida contemplativa

– ironiza Henri. Gostaria que eu o recolocasse a tela de Monet?

– Primeiro quero que me providencie uma passagem aérea para o Brasil.

•

São dez e quarenta.

As postulantes estão às voltas com o preparo das refeições.

Irmã Angelina abre a despensa e encontra as prateleiras quase vazias.

Durante o almoço, no refeitório coletivo, todas notam a quantidade frugal de arroz, feijão e legumes, mas ninguém se queixa de nada; acompanhando com resignação a oração de agradecimento proferida pela abadessa. Ninguém, exceto irmã Marília.

A abadessa, recém-chegada, tenta por ordem no caos administrativo que encontrou e carece de apoio irrestrito.

Não que irmã Marília não coopere, mas tem ideias pouco ortodoxas.

– Abadessa; não podemos continuar assim – principia quando a madre superiora concorda em recebê-la.

– Temos que estar preparadas para uma vida de renúncia. Deus proverá o pão nosso de cada dia. Amém!

– Amém! – faz coro a religiosa inovadora. Mas... poderíamos dar uma mãozinha...

– Aceitando ajuda daquele empresário? Nem sei se a empresa dele é idônea.

•

Fauzer mergulha próximo à gruta azul.

Flerta com a vida marinha abundante.

Retorna à superfície após trinta minutos.

Malaquias e Olavo ajudam-no a subir de volta no barco.

Ao longe avistam os moinhos das salinas, suas pás movendo-se preguiçosamente.

– O Getúlio ligou – avisa Olavo removendo o cilindro de oxigênio das costas de Fauzer.

Fauzer entra na cabine e retorna a chamada.

Getúlio acomoda-se junto à sua mesa de onde avista o estaleiro desativado.

- O Jardel virá para a inauguração dos silos.
- Tem certeza.
- Absoluta.

•

O filho de Dário nasceu saudável e hoje completa um mês.

Artur suga os seios de Melissa com força.

Júlio se comunica com a nora em libras para pegá-lo um pouco no colo.

– Espere ele acabar de mamar papai – pede Dário.

– Se você voltar para São Paulo, eu nem terei como ficar perto do meu xodozinho – reclama o avô colocando o nenê em posição de arrotto. Inauguraram um hospital modelo na cidade alta. Sua especialidade é uma das mais cotadas – argumenta Júlio.

– Não dá pai. O Jardel confiou um projeto para deficientes à Melissa. Prometeu um consultório para mim.

– Você sabe o que eu penso sobre aceitar esses favores – repreende-o Júlio. Você não necessita disso. Pode ter uma carreira brilhante aqui mesmo em Salvador.

Melissa sinaliza que prefere morar em São Paulo.

– Vocês estão iludidos pela aparente felicidade dessa gente – opina o pastor inconformado.

•

Ângela contempla o imenso jardim da mansão por detrás da janela. Vários pássaros pousam nas flores. O sol começa a aquecer o dia.

– Está tudo bem mãe? – pergunta Esdras se aproximando.

Ela ainda estranha quando ele a chama de mãe.

– É o Dr. Rogatto? Não está dando certo, não é? – pergunta o adolescente que já a ultrapassou em altura. Não se preocupe. Eu estarei sempre ao seu lado.

Emocionada Ângela o abraça.

Esdras torna a encará-la, olhos cheios de vitalidade.

– Acho que você não deve desistir ainda. Eu também não queria mudar de vida.

– Você é uma criança. Ele é um homem velho e teimoso. Gosta de ser policial.

– E se o Dr. Jardel desse uma prensa nele?

Ângela ri – Nem assim meu filho.

•

Jardel passa por Magda sem lhe dirigir a palavra.

– D. Ivone ligue para o Getúlio em Cabo Frio.

– Sim senhor.

Jardel entra em sua sala e fecha a porta.

– Ele pensa que estou me descabelando – exclama Magda chacoalhando os ombros em sinal de descaso. Só porque ele não fala comigo há semanas.

– Quer que eu vá lá e digo que você está arrependida? – oferece Ivone.

– Claro que não – recusa Magda.

– Ah! Magda – opina Zulma – você fez o coitado cair da cadeira na frente de toda a diretoria.

– E o maldito não sofreu nenhum arranhão! Devia de pelo menos ter quebrado aquele nariz empinado dele.

Ivone completa a ligação.

– O Dr. Jardel gostaria de falar com o Dr. Getúlio.

•

Getúlio inspeciona as obras de reparação do porto.

Os berços de atracação estão praticamente prontos.

O asfalto no retroporto alfandegado está na fase final.

Falta o píer turístico e os dolphins de amarração.

Dirige-se para o seu escritório improvisado no segundo andar do terminal de barcaças oceânicas.

– Precisaremos de mais duzentos plugs para contêiner reefer e cem posições para Dry Boxer 20.

– Eu encomendei três empilhadeiras Reach Stacker – informa Macedo, seu sócio. Cada uma tem capacidade para quarenta toneladas.

– Leasing?

– De que outra forma poderia ser? A Petra investiu mais no projeto?

– Investirá em breve.

•

Jardel assina um documento.

Pelo circuito interno ele visualiza Magda fazendo inúmeras caretas. Deduz os palavrões que borbulham da boca dela.

Irritado ele destrava a porta. Ela entra e coloca-se na frente dele como um tanque de guerra prestes a esmagá-lo.

Ele não se intimida com a postura de ataque.

– Pois não D. Magda?

– Pode ir tirando o cavalinho da chuva que eu não vim pedir desculpas.

– Neste caso dê meia volta e me deixe trabalhar – ordena ríspido.

– Vim pedir perdão – acrescenta Magda com leveza.

Jardel se desarma – Sente-se.

Magda corre. Puxa a cadeira e se acomoda.

Jardel afasta o tronco e ajeita-se melhor na sua poltrona

pressionando as costas contra o encosto macio, mas resistente.

– Vamos colocar as cartas na mesa.

– O ás que o senhor tem escondido na manga também?

Jardel seleciona as palavras com cuidado.

– O seu irmão caiu do andaime porque não estava usando o equipamento de segurança.

– A empresa reconheceu o erro, ao contrário de certas pessoas – frisa pausando a fala ao acusá-lo veladamente.

– Foi um acidente – defende-se Jardel.

– De bandeja fez um acordo assegurando-me cargo vitalício aqui nesta porcaria, como compensação pelos anos de vida ativa que ele ainda teria caso o engenheiro responsável...

Jardel se desespera – Eu tentei impedir a queda, mas não consegui. Ninguém o empurrou conforme o seu pai alegou no processo. Tanto é verdade, que eu fui inocentado à época.

– O senhor sempre se safa de tudo.

Jardel fica olhando para ela em silêncio por longos segundos.

– Eu não sou Deus. Não posso trazer o seu irmão de volta à vida.

– Podemos pular essa parte.

Jardel suspira contrariado – Assim não dá! Que diabos espera de mim?

– Quando Deus não atende o senhor apela logo pro diabo, hein?

– Retire-se que eu tenho mais o que fazer – ordena indicando-lhe a porta com um gesto rápido.

Magda olha para ele compadecida.

Por detrás da vidraça os carros disputam espaços na Marginal Pinheiros.

– Eu sei que o meu irmão escorregou. Algumas testemunhas viram o senhor tentando segurá-lo pelo braço.

Jardel fica sério. Não é uma lembrança agradável.

– É que para o meu pai foi premeditado.

O diretor suspira profundamente e expressa sua solidariedade.

– Entendo. Não é fácil perder um filho – admite numa rara demonstração de humildade.

Jardel gostaria de poder não ter vivenciado tal tragédia.

– Meu pai sempre fez questão que eu estivesse aqui te assessorando. Ele achava que com o tempo o senhor confessaria.

– Ele era um pai desesperado.

– Ele também se foi. Sobramos eu e o senhor – contabiliza apoiando ambos os braços sobre a mesa de Jardel, sorrindo como uma criança que espera por um prêmio por ter se comportado direitinho.

Jardel sente-se ainda mais constrangido, o que a diverte.

– D. Magda, sendo assim, eu suplico que tenhamos uma convivência pacífica. Com relação ao “cargo vitalício” eu lhe indenizo até o tempo equivalente à sua aposentadoria e estará livre desse acordo. Que tal?

– De jeito nenhum! Prefiro ficar te atazanando até a outra encarnação.

– Basta! – grita Jardel batendo com ambas as mãos espalmadas sobre a mesa de mogno. Tem o direito de acreditar na versão que quiser.

– Meu pai nem em sonho poderia imaginar que o senhor tivesse uma vida dupla, senhor guardião.

– Isto não é da sua conta – corta-a Jardel.

– Como não? – contesta Magda. Sei de tanto podre seu, que se merda desse lucro eu abriria uma franchising.

– Não seja ridícula!

– Tampouco ele poderia prever o quanto eu gosto do senhor.

Jardel fica agradavelmente surpreso.

– Se continuar com essa greve de silêncio, eu vou me consumir de remorsos.

Jardel sorri – Se aprontar outra, eu te trucido.
Magda se põe em pé – Aceita um cafezinho?
– Sem baratas de borracha dentro, por favor – exige rindo.

•

A paisagem coberta pelos binóculos cobre a praia de águas calmas e areias branquíssimas.

O superior de Rogatto se esmera em enfatizar a importância da tarefa.

– Nosso objetivo é surpreender os contrabandistas de rochas calcárias.

Rogatto acha a missão sem glamour.

– Cada agente cobrirá um período de doze horas vigiando a praia. Começa com o Ataulfo e termina com o Rogatto.

Rogatto divaga olhando para o horizonte mesclado de tonalidades do azul do céu e do verde esmeralda das ondas.

– O que fazem com essas rochas, doutor? – pergunta Ataulfo curioso.

– Usam em decoração de aquário. Tem coral brasileiro na Suíça, na Holanda... Ô Rogatto, que cara de desânimo é essa?

– Ele queria estar comandando a operação – acusa o colega.

– Não é verdade. Eu estou aqui para servir – rebate prontamente.

– Eu acho bom mesmo, porque temos que trabalhar em equipe.

Aqui ninguém é celebridade.

– Farei a minha parte. Podem ficar descansados.

•

Olson ainda desloca-se meio desajeitado pela quadra.

Trouxe várias crianças e adolescentes, também cadeirantes, de bairros carentes da cidade.

De início, era apenas distração para um homem desiludido e velho.

Aos poucos o apego pela vida daqueles meninos o contagiou. O exercício físico tornou-se liberdade. Conviver com pessoas que têm as mesmas limitações, uma nova perspectiva.

Kate vibra por cada conquista que alcançam. É uma treinadora exigente. Um dos garotos gira com a cadeira e faz uma bela cesta à distância, sendo elogiado pelos demais.

Alguém grita pedindo a bola.

A equipe de Olson corre para o contra-ataque.

De repente ele fica paralisado no meio do caminho.

Assistindo ao jogo, como uma aparição fantasmagórica, está Jacqueline. Olson abandona a partida.

Aproxima-se da ex-esposa suado e trêmulo.

– Olá Mel! – balbucia Jacqueline.

Olson ergue os olhos verdes claros na direção da mulher.

Os anos também deixaram sulcos na sua face, mas não perdeu a beleza.

– Jackie! – murmura afinal rendendo-se à emoção de revê-la após tanto tempo.

Jacqueline abaixa-se e beija-o na testa.

•

Lamartine indica para Henri onde deixar a bagagem da condessa.

Trocado e recomposto Olson desloca-se para junto dela.

– Você continua linda!

Jacqueline dá uns passos socando a bengala no piso e observa cuidadosamente a decoração.

– Esses vasos de Murano são maravilhosos!

Olson sorri – Eu os adquiri pensando em você.

– Quando o Jardel me contou o que tinha acontecido eu decidi voltar. Meu amigo Olson ficou paraplégico. Precisa de você.

Lágrimas brotam dos olhos de Olson.

- Ele tinha razão.
- Estou aqui – afirma Jacqueline tomando uma das mãos dele e aconchegando-a entre as suas mãos enrugadas e magras. Acho que só esperava uma boa desculpa para vir ao seu encontro. Olson suaviza as linhas do rosto.
- Eu é que deveria ter tomado essa iniciativa. Há muitos anos atrás.
- Não estava pronta para me reconciliar com o passado. Foi preciso – Jacqueline enche o pulmão cansado de ar – testemunhar aquelas freiras, anônimas, servindo o próximo, geração após geração; para me dar conta da minha mesquinhez.
- Ambos sofremos Jacqueline.
- Essas semanas no convento poliram a alma que estava carcomida pelas lembranças daquele dia trágico. Dirigi-me até o túmulo de nosso filho e libertei-me do sentimento de culpa.
- Que bom – festeja Olson solidário. Alegro-me por você.
- Já teríamos netos! Você pode imaginar? Um bando de garotos atrevidos correndo por esta casa, fazendo a maior arruaça?
- Você quer mais garotos do que estes que eu “adotei” no time de basquete?
- Aquela jovem é filha de Leila e Fernando Pinho?
- Sim – confirma Olson prontamente com voz firme.
- Não acha desonesto aproximar-se dela após o que fizeram?
- Negócios à parte; não é mesmo? O irmão dela executou sua hipoteca e assim selou seu destino. Compraremos o grupo Laville por uma pechincha.

•

O colibri de aço sugando néctar de uma flor, que representa o conglomerado Laville, amanhece coberto de flocos brancos. Régis, Leila e Lúcio chegam para a reunião com os acionistas.

A revelação de Jean-Pierre de que os fundos criados por Fábio geraram prejuízo de milhões de euros é recebida com ceticismo pela família.

– As ações da empresa caíram setenta por cento – intera-os Jean ainda deslocando-se pelo corredor.

– Mas como?! – pergunta Leila aturdida.

– As irregularidades começaram com o seu marido – relata Jean-Pierre fazendo uma cronologia da situação.

– E você onde estava que não o alertou sobre o risco de quebra?

– pressiona Régis.

– Eu também fui ludibriado Sr. Régis – defende-se.

– Temos alguma chance? – demanda Leila desesperada.

Jean-Pierre meneia a cabeça.

– Os credores devem recusar o plano de reestruturação. A não ser que apareça alguma empresa interessada em comprar essas ações desvalorizadas no mercado.

•

Na moderna sala de reuniões da Petra, Jow anuncia a vitória esmagadora no embate com o grupo Laville.

– Noventa e cinco centavos de dólar é quanto cada ação da Laville está cotada no mercado. Dez vezes inferior a 2001.

Jardel é otimista – Vai baixar mais.

– Nosso grupo de corretagem e gestão de energia entrou em ação. Imaginem quanto vamos faturar construindo hidrelétricas e também tendo o monopólio do software das instalações – comemora Herlan antecipadamente.

– Tenho um processo nas costas por contrabando de pedras preciosas – intervém Cesário.

– E eu por transformar cinzas humanas em eternos e inesquecíveis diamantes – lembra Deigles.

Awsféber toma a palavra, tendo atrás de si a réplica da Vênus de Boticelli, com todo frescor da juventude, emergindo da concha.

– Com relação ao Deigles havia apenas uma testemunha que poderia reconhecê-lo e ela foi neutralizada. A acusação contra o Cesário acabará sendo arquivada por falta de provas.

– Ficaremos com toda a gama de negócios do grupo? – pergunta Cilene abismada. Temos capital para isso?

– Aquela parte de fornos crematórios, motores e cabotagem não nos interessa – esclarece Herlan.

– Entrei em contato com o banco suíço – anuncia Jow. Cobrimos a hipoteca da condessa e as chaves alemã, francesa e australiana concordaram em nos ajudar no arremate das ações.

– E tem mais um detalhe – traz à tona Herculano. O Fábio estava dando aporte ao Fauzer. Arruinamos suas finanças.

– Ele está liquidado! – exulta Jardel realçando sua satisfação com um gesto largo dos braços, afastando-os com as palmas das mãos abertas, voltadas para baixo.

•

Ataulfo cospe no piso.

– Seu porco! – protesta Rogatto.

– Não enche – desdenha passando-lhe o posto de vigilância e refugiando-se no interior da embarcação.

Rogatto cruza os braços procurando se aquecer.

Sua vida virou de pernas para o ar.

Um vento varreu o seu emprego, o seu prestígio e o seu casamento.

O barco que serve de ponto de observação para a polícia está ancorado de frente para os modernos moinhos.

Um parque eólico com vários aerogeradores plantados em sequência, distantes uns dos outros como pés de milho, banhados pelo pôr do sol.

São estruturas gigantescas com mais de cem metros de altura cada. Rogatto lembra-se da obra de Cervantes e sente-se um Dom Quixote lutando sozinho contra o seu dilema moral: denunciar a organização e perder o amor de Ângela.

Põe-se a observar as hélices gerando energia.

O único movimento deve-se a alguns carros que, vez por outra, param no sopé dos imensos tubos metálicos para checar o sistema. Afora isto, monotonia pura: nada dos contrabandistas de rochas calcárias, ninguém sequer mergulhando naquele lado da baía.

Algumas estrelas despontam no horizonte magnífico de tons rubro-negros arrebatadores.

Sente o celular vibrar na cintura.

– Há dias não aparece em casa – cobra Ângela afetuosamente.

Rogatto passeia pelo deck com o celular junto ao ouvido direito, a mão esquerda dobrada à altura da cintura.

– Ângela, eu quero o divórcio.

– Não prefere pensar melhor? Eu vou para Cabo Frio com o Herlan e a Elizabeth. Estarei a poucos quilômetros de distância.

– Ponderei muito antes de tomar essa decisão.

– Reconsidere Eustáquio; eu te amo! – suplica Ângela.

Rogatto desliga o celular e guarda no bolso da calça.

Debruça-se sobre a amurada e fiska a brisa suave do cair da noite. Num penhasco distante vê-se a silhueta de um convento do século passado.

•

Alguém assobia com um apito e crianças correm para pegar brinquedos: bolas, bonecas, jogos, xilofones e cornetas. As freiras unem as mãos em prece louvando a Deus pela alegria contagiante dos pequenos.

A madre superiora acompanha o benfeitor por um dos extensos

corredores do convento, ladeado por sete pitorescos arcos romanos de volta perfeita. São feitos de pedras lavradas de diversas cores. Das ranhuras úmidas pendem musgos, samambaias e algumas trepadeiras.

Pela abertura dos arcos entra a luz do dia dando vida ao piso azulejado e às janelas dos quartos.

– Essa doação chegou em boa hora – agradece a madre quando chegam ao final do corredor. Nossa despensa estava vazia.

Homens descarregam mantimentos e roupas de duas Fiorinos brancas com a marca da Granel Flowers pintada de azul nas laterais, ornada por um raminho de trigo dourado.

– Não precisa deixar isto acontecer irmã Marília! A senhora tem o meu número de telefone.

A madre sorri resignada; mãos ocultas no hábito de um branco translúcido.

– Sei que sua empresa passou por dificuldades.

– Felizmente isto são águas passadas – diz Getúlio triunfante, despedindo-se formalmente após o trocadilho.

– Agradeça ao senhor Fauzer por mim.

– Farei isso.

Getúlio acena antes de entrar num dos carros.

Fauzer está ao volante.

– Então? Consegui abater quanto no imposto de renda? – pergunta sarcástico dando a partida.

– Bem menos que a instituição de caridade do Venâncio.

As Fiorinos ultrapassam o portão de entrada do convento e pegam uma estrada de terra.

Getúlio tem que se segurar firmemente por causa dos solavancos.

– Ainda bem que choveu pouco ontem à noite senão isto estaria uma lama só – comenta Fauzer em mais uma manobra sofrível.

– Falando no Venâncio, quando chega o dinheiro?

- Ele está sendo investigado pela Cúria. Por esta razão, a remessa atrasou.
 - Espero que você não esteja me embromando – avisa Getúlio em tom de ameaça.
 - Claro que não! Não recebi um centavo estes dois meses.
- Getúlio olha para frente e avista alguns dos moinhos desativados das salinas. Fauzer desvia de um imenso buraco na estrada.
- Com o chapéu que vamos dar na Petra ganharemos milhões.

•

Jardel traça um terno azul-escuro modelo italiano com dois botões, uma camisa clara com finíssimas linhas brancas e gravata lilás.

- Exatamente o que você ouviu. Uma empresa se antecipou a nós – enfatiza Herlan com sua voz grave, cheia de credibilidade.
 - Que empresa? – contesta Jardel, sentando-se e cruzando charmosamente as pernas. Não havia mais ninguém interessado.
 - A Brilliant Gamma. Ela compra firmas falidas e vende os pedaços – contribui Jow também presente à convocação de emergência.
- Ele, Deigles e Jardel estão dispostos numa meia-lua em volta de Herlan. As cadeiras, bem distantes da mesa e uma das outras, têm base estrela e revestimento em couro natural branco.
- Isto não está me cheirando bem – declara Jardel.
 - Está cheirando a ovo podre – concorda Deigles esbanjando elegância com uma calça de microfibra gelo, cardigã verde esmeralda, camisa polo vermelha por baixo.
- Herlan pressiona o polegar no interfone que está sobre sua mesa.
- D. Magda providencie uma ligação com o nosso representante em Genebra.
 - Sim senhor – ecoa de volta a voz dela.
 - Isso vazou – deflagra Jardel convicto. Uma empresa sozinha não teria fôlego para essa transação, mesmo se tratando da Brilliant

Gamma. Você irá para Cabo Frio conosco Deigles?

– Não. Tenho um jogo de golfe agendado com o diretor da Ocean. Jardel mede Deigles.

– Pensei que fosse jogar agora. Não acha que está informal demais?

– Do que você não gostou? Da camisa Lacoste ou do cardigã alemão?

A voz de Magda ecoa de volta – Dr. Herlan, Désiré Félicien na linha.

– Fale com ele Jardel – pede Herlan colocando o aparelho no viva voz. Meu francês é péssimo! Só dou bola fora.

•

Gaby ajeita os cabelos para trás mirando-se em frente ao espelho, enquanto a imagem refletida do homem sozinho na cama redonda aparece ao fundo.

– Isto nunca me aconteceu antes! – jura Celso cobrindo-se com o lençol.

Gaby suspira irritada e prende os cabelos com uma presilha.

O celular de Celso que está sobre o criado vibra. Ele estica o corpo, deixando as nádegas à mostra por alguns segundos e agarra o aparelho.

– Onde você está? – cobra André enfezado.

– Meu! – exclama Celso batendo com o punho fechado na testa.

Eu me esqueci! Cara, me perdoe!

– Voe para cá – ordena André secamente.

•

O helicóptero pousa no heliporto da casa.

Esdras e Pinduca são os primeiros a desembarcar.

O cachorro sai em disparada pelo gramado verdíssimo, enquanto Gualtier termina de desativar os equipamentos de navegação.